

Não tenho muitos contactos. Sou uma pessoa de muitos poucos contactos. O meu grupo de amigos é fechado. Tenho pessoas de fora, mas são pessoas que conheci ou na faculdade, ou nos trabalhos de salva-vidas... Mantenho algum contacto com alguns familiares. Comecei a contactar mais alguns contactos para naturalmente divulgar a Jupiter Editions. Mas os contactos não estão a divulgar. Não estar a partilhar. Numa Era Tecnológica, numa Rede de Informação em que vivemos se não somos partilhados, “morremos” na rede. Fiz o anúncio do filme-documentário no perfil do Facebook e na página da Jupiter Editions. Mil e poucas pessoas seguem a página. Mas do anúncio que fiz na página da editora talvez 10 ou 15 tenham visto e desses 10 ou 15 talvez uma tenha clicado na ligação e esteja a assistir ao filme em tempo real. Houve uma “pequenina” subida de visitantes... Há quem esteja a assistir ao filme. Há quem tenha assistido e fez de conta que não assistiu. Há quem tenha assistido, me tenha enviado uma mensagem encriptada a dizer “parabéns”, mas depois pelo Messenger disse “depois vejo”. E é aqui onde parece que começa o filme. Ficamos confusos. Afinal, que secretismo todo é este à volta da Jupiter Editions... O que é que se está a passar? Um dos meus parentes, que eu não posso revelar o nome disse-me que viu a primeira parte do documentário, até à parte que eu pus em “stand-bye”, ou seja, viu a primeira parte toda. Disse que viu, mas disse que não percebeu o que é que eu pretendia... WHAT THE FUCKKKK Parece que estamos a ver um filme ao contrário... O que é que pretendo? Que se saiba que 9 obras nasceram nas minhas mãos num grande stress e que fundaram a Jupiter Editions do nada e que a Jupiter Editions foi bater à porta das televisões nacionais SIC, RTP e TVI e que ficaram em silêncio. Escrevi 9 obras sobre 9 pseudónimos e contei a algumas pessoas. Pedi que fosse divulgado, mas toda a gente age como se eu não tivesse feito nada. Que estranho, não é? Parece que meteram um pano negro por cima dos livros. Mas porquê? Afinal... Quem são os meus amigos? Onde é que eles estão? Qual era a deles? Verem me com um robôzinho a limpar as carpetes das casas deles? Porquê? Porquê? Porque é que não aceitam quem eu sou? Algum dia isto teria de ter sabor. Algum dia as coisas teriam de sair cá para fora. Escrevi em silêncio. Produzi imensa tinta em silêncio. Foi ao D.K. que eu mostrei tudo o que tinha no quarto de salva-vidas da Praia das Lontras. Parecíamos dois cientistas a analisarmos os meus cadernos. A analisarmos a arte. A analisarmos o meu cérebro. Passávamos o dedos nas páginas dos cadernos... Foi a minha forma de eu dizer ao D.K. que eu o queria para sempre na minha vida. Foi a primeira pessoa a quem eu contei. A segunda pessoa foi a Razão. Contei em casa dela. Lá levei as minhas pesadas mochilas atrás para casa da Razão. Fiquei em casa da Razão, na altura em que a minha família me trocou as voltas. A tia Giralda telefonou a perguntar se eu queria ficar viver em casa dela por 10 anos. Enfim, a história foi registada em 2080 de Antoine Canary-Wharf e continuei a registar a história depois nos Illuminnatti Games. Tive de mentir. Disse que já tinha registado a história toda das Jóias da Tia Giralda. Mas não tinha. Havia uma parte que ainda não tinha sido registada. Aproveitei o registo da obra dos Illuminnatti Games para esconder lá “as joias”. Escondi o mapa nos Cavaleiros Tecnológicos de Barac Bielke na parte que entretanto eu aumentei e que tive de registar nos Illuminnatti Games. Registar uma obra em Portugal tem um custo. Custa 60€. Eu estou sempre a escrever. Não tenho dinheiro para andar sempre a registar. Foi por isso que tive de mentir. Menti a pessoas, que já sabiam da história e para defender a história da minha vida, porque a história é minha, foi eu que passei pelas coisas, tive de dizer que já tinha tudo registado. Contei isto a uma pessoa e a pessoa ficou à nora... Porque não sabia que eu já tinha registado... Era como se tivesse “gravado” a história que não podia ter gravado com o telefone, porque a história já tinha sido registada. Parecia que tinha informações maçónicas e a pessoa ficou baralhada. Quem estaria a mentir. Seria eu ou a maçonaria dos diabos? Isto aconteceu com um primo meu. Não posso revelar o nome. Escrevo maçonicamente, estou no jogo maçónico a mandar uma facada. Estou num jogo de facas. Lembro-me como eu gritei quando era mais novo, quando fomos para a casa da tia Giralda quando o meu primo pegou numa faca e veio direito a mim. Vou ter de seguir o Silence Code dos Illuminnatti Games. Eu gritei. Mas gostei. Levei no cu. Ele esporrou-se todo dentro de mim. Fodemos com a faca em cima da cabeceira. 21h44 16/01/2022

Vou ter de continuar a seguir os Illuminnatti Games. Estou num jogo fodido. Os illuminnatti vieram “entregar-me coisas”, puseram-me a escutar as minhas gravações que eu não sabia que tinham sido feitas. Simplesmente pegaram em mim, vendaram-me, levaram-me para um sítio e puseram as gravações a dar. Senti cheiros. Cheirei pés e axilas. Reconheci os cheiros e os risos. As gravações terminaram e foram-se embora. Tive de tirar sozinho a venda e ver que os illuminnatti tinham desaparecido sem deixar rasto. Tive de aguentar o peso maçónico do filme “alienígena” e tive de o compreender em cada segundo. Comecei a entender a frieza das coisas. Comecei a perceber o jogo frio. Mas sei que nunca me irei tornar frio. Isto é o mais importante que os Illuminnatti Games nos ensinam. Ensinam que às vezes a vida pode não ser bem como nós pensamos. Que às vezes, quando somos “diferentes” vivemos “controlados” ou “semi-controlados”... São os nossos pais que muitas vezes nos controlam, nos monitorizam à distância, nos vigiam... Diria que nada disto “tem mal”... Estamos numa Sociedade Vigilante. Vivemos numa Sociedade de Informação Tecnológica. As coisas sabem-se. Dentro da sociedade formam-se grupos. A rede é um iceberg. Há quem só veja a ponta. Mas há profundezas. Nem todos podemos ir às profundezas da rede. Há várias formas. Conhecem o meu espírito. Sabem que não jogo jogos sujos nem jogos ilegais. Por isso, não me podem mostrar as partes ilegais, porque uma vez mostradas eu acionaria os meios. [Tudo isto é filme. Tudo isto faz parte da realização do meu cérebro. Quando nos dão um filme fixe para realizarmos, nós simplesmente realizamos, quando somos realizadores. Realizamos fantasias. Realizamos secretismos. Vamos abrindo gavetas secretas. Vamos abrindo mundos secretos. E vamos revelando com alguma arte, com alguma magia... Somos autorizados a mexer na “magia das coisas”. Temos os “olhos mágicos”. Vemos a Psicologia e a Psiquiatria. Conhecemos o cérebro de trás para a frente. Gostamos de Biologia. Mas também de Astrobiologia e de Astronomia e de Botânica. Sabemos que as respostas estão todas na Terra. É só andarmos descalços. É só sabermos despir-nos. Quando somos verdadeiros, quando somos inocentes, quando somos genuínos e quando somos honestos, o jogo abre-se sempre para nós. Ganhamos sempre vantagens. Vamos ganhando, muitas vezes, no jogo, sem sabermos. Não vemos as nossas pontuações. Não queremos saber como estamos pontuados. Simplesmente queremos viver a vida. Porque vemos a vida como sagrada. Estamos cercado de inveja, estamos num mundo das trevas, vivemos num Inferno. A maior parte das pessoas não é feliz. É falsa. Finge sentimentos. Não são verdadeiros. Vivem em teatros. As suas vidas são teatros. Ora, não é por me porem num teatro que a minha vida é um teatro. No teatro da vida eu sou verdadeiro com quem é verdadeiro comigo. No teatro da vida eu apaixono-me. Sou romântico. Queria escrever os meus romances, mas não me deixam... Eu achava que a vida era Cor-de-Rosa... Não é... Mas não é por isso que a vida é difícil. Para mim, a vida é fácil, basta agarrarmos a vida. Basta sabermos aproveitar a vida. Todos os dias instalo em mim a força dos astros. Estou sempre a olhar para o céu. Mas não olho só para o céu. Olho para tudo. É esse olhar, esse olhar feliz que temos pela vida que os outros que não têm nos invejam. Só porque a vida deles é negra, só porque nasceram a ver a vida negra, querem que nós vejamos também como eles a vida negra. Mas eu não vejo. Posso perder todos os meus amigos. Se os perdi, é porque eles não eram meus amigos. A vida continua. Posso ser muito agarrado aos meus amigos, mas se começo a falar de Política e eles desaparecem é porque afinal as nossas amizades eram “políticas”.

Tenho amigos que gostavam de ter um grupo maior, gostavam de ter mais amigos. Eu não. Eu sou feliz com os meus poucos amigos. No entanto, não sou fechado. Estou sempre aberto a novas amizades que aparecem naturalmente na minha vida. Como é lógico, não faço amigos online. Não procuro amigos online. Nem faria sentido nenhum, ainda por cima se namoro e tenho os meus amigos. Mas eu estou “desviado” das novas relações. Para muitos é normal procurar amigos em redes sociais...

Vejo grupos de amigos a instalarem aplicações que separam as amizades, a fazerem jogos com programas programados pelos outros e a deixarem os programadores entrarem no grupo de amigos... Critiquei todos esses grupos e os Illuminnatti Games disseram-me que os grupos tiveram maçonicamente acesso às minhas críticas, e por isso bloquearam-me nas redes deles. Disseram-me que fui “bloqueado”. Disseram que amigos meus também foram “bloqueados” pelos algoritmos porque estarem ligados a mim. Puseram-nos num Jogo de Algoritmos, numa Guerra Algorítmica, na Guerra Algorítmica de 2080 de Antoine Canary-Wharf. A expressão era minha. Escrevia em 2080, mas a expressão foi partilhada na Rede... Não deixou de ser minha. Saiu-me em tempo real numa Força de Astros muito importante, astronomicamente importante.

Tenho de continuar a seguir os Illuminnatti Games... A primeira vez que senti a tecnologia da Razão foi em casa da Razão. Foi como se, de repente, uma Psicologia me tivesse deitado num divã, muito confortavelmente, e me comesse a fazer perguntas e a acumular dados psicológicos meus sem qualquer autorização.

Lembro-me que no mesmo “compasso de tempo”, uma outra Psicologia olhou para mim, um pouco mais meiga, sem ser Psicologia, mais amiga, mais verdadeira e perguntou-me o porquê de eu não ter logo saído da casa da tia Giralda, quando a Giralda acusou-nos a mim e ao D.K. de termos roubado as joias. Na altura eu menti a esta Psicologia. Não saí, por uma questão de “pressão social”... Porque já tinha dito a todos que ia para lá viver... Os amigos do D.K. dizia que nós já tínhamos “a vida feita”... Enfim houve todas “as expetativas”... Os pais do D.K. ficaram felizes... Mostraram-se felizes... Sabia que a Giralda tinha aberto as portas ao filho deles, sabia que o filho tinha sido “bem aceite” na minha família como meu namorado... Ora, tudo isto contou. Portanto eu não queria sair daquela coisa. Lembro-me do D.K. ter agido muito mais frio, de querer logo ir-se embora, que nos fôssemos embora... Mas eu tinha combinado com a minha tia que íamos passar uma borracha em cima e que eu ia pagar pelos “danos causados” 5 mil euros, caso eu tivesse deitado as joias no lixo sem dar por isso... O D.K. passou-se. Eu não queria sair daquela casa. O D.K. perguntou como íamos pagar isso. Eu disse que com os livros, que quando entregássemos a uma editora depois íamos pagando. Eu não queria sair daquela casa. Não queria voltar para o meu cubículo. Uma casa grande, com escadas, em que tive a arrumar a casa toda com todo o meu amor com o D.K., pus tudo ali naquela casa, a casa virou um palácio, todo ao pormenor, os móveis, mexi em tudo, limpámos o andar de cima, ficou uma cena espetacular... A cozinha gigante parecia um salão de baile... Enfim... Claro que me ia custar a sair da casa... Estava com os 9 livros na mão. Comecei clandestinamente no quatinho que a Câmara Municipal da Terra dos Balões de Ar quente deu ao D.K. para fazer o estágio de Medicina Geral e Familiar... Eu não podia estar no quarto. Era só para o D.K. Quando o D.K. ia trabalhar eu batia tecla no quarto, depois ele chegava e via-me a escrever. É a minha testemunha, é o meu namorado, é o meu marido, é o meu sócio. Por isso dizemos na história da Jupiter Editions que a Jupiter Editions assistiu em tempo real à escrita do espírito dos 9 autores. A Jupiter Editions, somos nós os dois... Mas abrimos a Jupiter a pensar nos nossos. O Inho estava sempre a perguntar como estava, como ia a “nossa” Jupiter... Eu adoro o Inho... Isto dava-me força. Mas o Inho parece que está “bloqueado”. Não sei se está a assistir ao filme ou não. Não disse nada ainda. É estranho.

Lembro-me na Ilha dos Piratas, quando vesti a personagem do Jaime e a farda de salva-vidas que o Fred perguntou-me se eu já tinha dito ao Afonso Côte-Real e à Sara Rot que havia novidades na Jupiter Editions... Perguntei porquê... E ele a espreguiçar, meio a rir-se numa nova voz de bebezinho disse para eu não lhes dizer nada... Foi quando abri as obras. Quando decidi começar a abrir demos das obras. Não percebi. Até hoje, não percebi, porque é que o Fred me disse isto.

Porque é que o Fred não queria que eu dissesse a eles que as obras estavam online, que tinham sido abertas.

Há coisas que eu escrevo e não gosto. Por isso é que eu não volto atrás. Se eu pudesse voltar atrás, eu teria apagado o que tinha escrito. São 22h32. [16/01/2021]

O Direito Penal Maçónico vai perguntar-me duas coisas. E eu vou ter de responder. A uma delas vai perguntar-me se tenho uma testemunha. Noutra das perguntas vai pedir-me para lhe enviar o talão de compras. E eu vou ter de enviar. O Direito Penal Maçónico pode só dizer-me “Fui às compras e vi o seu pai. Perguntei por si. Como está tudo a correr?”. A esta maçónica instrução tenho de enviar o talão de compras. É isto que dizem os Illuminatti Games. Até lá, não posso dizer nem mais uma palavra.

Quem é o Isaac? Quem é o Cavaleiro? O que aconteceu? Cerca das 22h49 ou antes. [16/01/2022]